

LEITURA, LITERATURA E PSICOLOGIA: UM RELATO DOS PRIMEIROS ENCONTROS LITERÁRIOS NO UNIACADEMIA

REZENDE, Rayane de Cássia; CALIXTO, Gabriela Queiroz, TRINDADE, Henrique de Oliveira; COELHO, Kênia da Silva, CARNEIRO, LAURO, Monalisa Maria

Resumo: O grupo *Leitura, Literatura e Psicologia* é um espaço de formação em habilidades e competências envolvidas na leitura. Parte-se do princípio de que a leitura é uma habilidade especialmente útil e importante para uma aprendizagem ativa e reflexiva, além de ser um instrumento particularmente importante para a formação humana e ética em Psicologia, ao fornecer experiências e promover reflexões sobre a condição humana em seus diferentes aspectos. Nesse trabalho, objetivamos apresentar algumas reflexões produzidas pelos discentes do curso de Psicologia ao longo do primeiro ano dos encontros literários no UniAcademia.

Palavras-Chave: Leitura. Literatura. Psicologia. Ensino Superior.

Introdução

O ensino superior no Brasil teve seu início no século XIX em escolas, seminários e conventos e, posteriormente, nas primeiras décadas do século XX, em universidades. Nesse primeiro momento, o ensino superior foi essencialmente direcionado à formação técnico-profissional (Audy, 2011). Somente durante a segunda metade do século XX, é possível observar uma primeira mudança na vida acadêmica, que gradativamente começou a associar o ensino à pesquisa. Ainda com essa mudança em andamento, teve início também uma aproximação do campo acadêmico com a realidade social brasileira, surgindo a ideia de que a universidade é um fator importante no desenvolvimento socioeconômico (Sguissardi, 2011; Bottoni, Sardano; Costa Filho, 2013).

Atualmente, mais de 40 anos após o início dessas mudanças, apesar de termos um quadro geral mais favorável, sobretudo em relação à democratização

do acesso ao ensino superior, e esforços para a integração ensino-pesquisa-extensão, a qualidade da formação superior ainda é objeto de discussão e questionamento, como bem destacam Sguissardi (2011), Bottoni, Sardano e Costa Filho (2013).

Coerente com esse cenário, também podemos observar a permanência de desafios à formação do psicólogo no Brasil, embora seja possível notar esforços para a reconstrução e reestruturação das diretrizes curriculares do curso de Psicologia, o que tem gerando progressos significativos, como, por exemplo, uma crescente articulação do conhecimento psicológico com a realidade social, uma ampliação das áreas de atuação profissional e das pesquisas psicológicas (Pereira; Pereira Neto, 2003; Yamamoto; Costa, 2010; Mourão et.al, 2019).

Um dos avanços necessários para que a formação do psicólogo não fique restrita às especificidades técnicas de uma determinada área de atuação ou pesquisa refere-se à promoção de conhecimento e discussões sistemáticas dos fundamentos teórico-conceituais e pressupostos histórico-filosóficos da Psicologia, como bem observou Araujo (2012, 2013). No entanto, estudos que analisam o desempenho de estudantes concluintes do curso de Psicologia no Exame Nacional do Desempenho do Estudante (ENADE) têm apresentado não só a fragilidade na formação teórica, assim como uma baixa qualidade em habilidades de leitura e interpretação de textos e de estruturação argumentativa – justamente as habilidades básicas mais fundamentais para o desenvolvimento conhecimento histórico-filosófico e teórico em Psicologia (Bastos et.al., 2011; Mourão et.al, 2019).

Nesse contexto, podemos entender a criação do *Grupo Leitura, Literatura e Psicologia* no curso de Psicologia do Centro Universitário Academia (UniAcademia) de Juiz de Fora, em 2023. A proposta desse grupo parte do princípio de que um aprendizado explícito de habilidades e competências envolvidas na leitura é especialmente importante para a análise dos textos psicológicos, ultrapassando a leitura ingênua ou o mero resumo. Além disso, considera que a presença da literatura na graduação em Psicologia é uma forma de ampliar a reflexão psicológica e a formação profissional do psicólogo, ao apresentar a condição humana (real ou ficcional) em toda a sua diversidade. Assim, o *Grupo Leitura, Literatura e Psicologia* priorizou duas atividades em seu

primeiro ano: um grupo direcionado à aprendizagem de técnicas de análise de texto, e um grupo de encontros literários, em que foram trabalhadas obras clássicas da literatura nacional e internacional.

Especificamente no primeiro grupo foram realizados encontros quinzenais, com um grupo de até 06 alunos, onde foram desenvolvidas atividades de compreensão estrutural do texto (como tema e tese, por exemplo) e análise conceitual e argumentativa, tendo como referência principal para a elaboração dessas atividades a obra de Marcus Sacrini, *Introdução à análise argumentativa: teoria e prática* (2016). Já os encontros literários do segundo grupo foram realizados mensalmente, com uma participação livre, em que todos os alunos do curso de Psicologia foram convidados a participar conforme seu interesse na obra ou autor escolhido. Em média, o grupo teve uma participação de 08 alunos por encontro, que cursavam do 1º ao 8º períodos. Os encontros se iniciaram com uma breve apresentação do autor e da obra, seguida das impressões pessoais despertadas na leitura e das reflexões psicológicas. Ao final de cada encontro, os alunos presentes propunham e escolhiam a obra do próximo mês. Todas as obras escolhidas foram divulgadas no Instagram da instituição. Nesse primeiro ano, foram lidas cinco obras: *Cartas a um Jovem Poeta* de Rainer Maria Rilke; *A Morte de Ivan Ilitch* de Liev Tolstói, *O Jogador* de Fiódor Dostoiévski, *O Alienista* de Machado de Assis e *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector.

No que se segue, nosso objetivo foi apresentar algumas das reflexões psicológicas produzidas ao longo do primeiro ano dos encontros literários. Antes, contudo, destacamos, ainda que de forma breve, a importância vital da articulação da Literatura com a Psicologia na formação discente.

Resultados e Discussão

Literatura e Psicologia na Formação Discente

Quando pensamos a relação entre Literatura e Psicologia, é preciso ter o cuidado de não perpetuar uma concepção pedagogizante ou moralizante da leitura literária e, conseqüentemente, substituir a vivência e a impressão particular experimentada pelo leitor por uma interpretação determinada e limitada à aprendizagem de um conteúdo específico. Em outras palavras, não

devemos esquecer que a finalidade principal da leitura literária está na própria leitura, isto é, na vivência intensa de uma experiência (real ou fictícia). Sendo assim, não podemos esquecer que na leitura literária há impressões idiossincráticas e não apenas construções interpretativas comuns, assim como há um trabalho imaginativo carregado de tonalidades afetivas e não apenas uma interpretação racional da obra pelo leitor.

Isso não significa, contudo, dizer que a Literatura não possa ser benéfica para o processo de ensino-aprendizagem em Psicologia. Aqui, concordamos com Villela (2015) e Freire (2008), quando destacam que o uso pedagógico da literatura tem que ser feito sem se perder a possibilidade da apropriação livre e singular da leitura.

Nesse sentido, ainda segundo a interpretação desses autores, a relação entre Literatura e Psicologia é possível e necessária para a formação do discente, quando se faz presente sob duas formas. Por um lado, a leitura literária pode ser vista como um recurso propedêutico, preparando os alunos para uma compreensão e uma discussão de questões psicológicas centrais, sobretudo com relação à compreensão da condição humana, já que a leitura literária viabiliza uma abertura a diferentes aspectos da realidade humana (p.ex., aspectos, morais, físicos, afetivos, sociológicos, culturais etc.) e perspectivas de mundo. Por outro lado, a leituras literária também possibilita repensar ou aprofundar conhecimentos já existentes sobre conceitos e teorias psicológicas, já que a realidade expressa no universo literário transcende a realidade a qual os alunos estão submetidos, apresentando um material vasto e rico para a compreensão do psiquismo.

Além de contribuir para a formação teórica do psicólogo, cabe ainda observar que a leitura literária também é capaz de provocar mudanças na formação pessoal e profissional. Como bem destacam Freire (2008) e Villela (2015), ao colocar o leitor em relação com a alteridade e a diversidade da condição humana, a leitura literária promove uma maior sensibilidade em relação às idiossincrasias e singularidades do outro, essenciais para que na relação terapêutica, por exemplo, exista uma atitude de respeito, empatia e acolhimento por parte do psicoterapeuta.

Assim, em acordo com esses autores, consideramos que, apesar de sua natureza ficcional e aparente irrealidade, bem como sua despreensão de

informar ou direcionar a vida do leitor, a leitura literária afeta o leitor, que, em seu exercício, acrescenta à leitura questionamentos e reflexões sobre si mesmo e sobre seu mundo. Dessa forma, entendemos que atividades, como os encontros literários, devem estar presentes na formação do psicólogo, promovendo reflexões e aprendizados, como podemos observar nos exemplos que se seguem.

A Morte de Ivan Ilitch de Lev Tolstói

A Morte de Ivan Ilitch é uma obra do autor russo Lev Tolstói, publicada pela primeira vez em 1886 e de grande aporte para o entendimento da vida, da morte e do significado da existência. A narrativa conta sobre Ivan Ilitch Golovin, um juiz que segue um cotidiano convencional em busca do sucesso profissional e que está imerso em um casamento superficial e infeliz. Contudo, ao ser diagnosticado com uma doença terminal, vê-se diante de uma drástica postura perante a vida. O personagem, portanto, ao se deparar com a possibilidade da morte, passa a enfrentar a inevitabilidade do fim que atravessa toda a condição humana, permeada pela solidão e os percalços da, agora, não possibilidade de viver diferente. O juiz, então, percebe que toda sua busca por status social e prestígio não necessariamente o trouxeram uma felicidade genuína.

O livro, a partir das reflexões do protagonista, confronta o ideário de respostas sobre vida e morte, provocando intensas reflexões sobre a existência humana. Assim, Ivan encara a realidade de sua condição humana e, portanto, passa a encarar o seu medo da morte:

Procurou seu antigo medo da morte e não o encontrou. 'Onde está? Que morte?' Não havia medo porque também não havia morte. Em seu lugar havia luz. 'Bem, então é isso!', exclamou em voz alta. 'Que bom!' Para ele tudo aconteceu em um único instante e a sensação daquele instante não mudou dali em diante. Para os que presenciavam sua agonia, esta durou mais duas horas. De sua garganta ainda saía um som e via-se um estranho movimento de seu corpo já sem vida. Até que a respiração ofegante e o som passaram a vir em intervalos cada vez maiores. – Acabou! – disse alguém perto dele, o que ele repetiu dentro de sua alma. 'A morte está acabada' disse para si mesmo. 'Não existe mais.' Respirou profundamente, parou no meio de um suspiro, esticou o corpo e morreu (Tolstói, 2008, p 84).

Nesse sentido, a elucubração permitida pelo enredo pode ser pensada, por exemplo, pelo conceito de autotranscendência, elaborada por Viktor Frankl,

neuropsiquiatra austríaco e fundador da Logoterapia e da Análise Existencial. A autotranscendência, como afirma o autor, refere-se a um fato antropológico fundamental que permeia a condição humana. Esta permite que o homem, que se encontra absorvido pela dedicação a uma tarefa, ao colocar-se em segundo plano, possa cumprir a função de ver o mundo ao seu redor (Frankl, 1991).

Como consequência, os seres humanos estariam sempre transcendendo a si mesmos, em direção a um outro ser humano ou a uma busca de sentido. Assim como a manifestação dessa capacidade exclusivamente humana, o sentido da vida seria descoberto de uma forma natural e não inventada (Frankl, 2011). Isto, portanto, permitiria uma mudança de atitude perante aquilo que lhe ocorre, assim como tematizado na obra de Tolstói.

Ao ser confrontado com a finitude da vida, Ivan Ilitch encontra-se em um dilema do vazio, uma vez que pouco sabe sobre o que fazer, pensar ou como agir perante a morte. O diagnóstico de uma doença terminal leva-o a questionar toda a sua existência, provocando uma mudança de atitude perante tudo que lhe ocorreria. Por fim, o personagem encara as suas dores morais, consequentes de uma vida não vivida como deveria, mas sim como era preciso vivê-la.

O Jogador de Fiódor Dostoiévski

O Jogador foi escrito por Fiódor Dostoiévski, autor russo de grande renome. Dostoiévski é conhecido por seu estilo realista que retrata os aspectos sombrios do ser humano, sem idealizações, focando sua narrativa nos enredos entre os personagens. Os diálogos nas suas obras são extremamente sensíveis e demonstram uma enorme profundidade psicológica, de forma a possibilitar o trabalho de temas normalmente ignorados por grande parte da literatura. Temas como decadência, loucura, vício e morte são muito bem trabalhados em suas obras, o que permite ao leitor uma experiência de vários aspectos que costumam ser jogados para a sombra individual ou da sociedade. É nesse sentido que Dostoiévski é uma excelente fonte para discussões envolvendo questões psicológicas e existenciais, questões essas que aparecem de forma recorrente na obra escolhida.

O livro conta a história de Alexei Ivanovich e se passa na cidade fictícia de “Roulettenburg”, onde se encontram diversos cassinos e casas noturnas. Alexei foi contratado como perceptor por um general russo que já havia visto

dias melhores e precisava desesperadamente de dinheiro para pagar suas dívidas e manter o círculo social que tanto o agradava. Junto a esse general estão outros personagens, tais quais Mademoiselle Blanche, mulher que o general possui uma paixão avassaladora; o marquês Des Grieux, um homem extremamente político e detentor de notas promissórias e muito dinheiro; e Polina Aleksandrovna, enteada do general que se relaciona com Des Grieux por obrigação.

Dentro do ciclo de seu patrão, Alexei se encontra em uma posição social desfavorecida, porém não é subserviente e cria suas próprias relações, como com o personagem Mr Astley, um inglês extremamente astuto. Além disso, ele tenta desesperadamente se aproximar de Polina Aleksandrovna, por quem nutria uma desenfreada paixão, que o fez jurar servidão eterna a ela. É nesse contexto que Polina exige que ele vá ao cassino apostar para ela e, mesmo sob protestos, acaba cedendo aos pedidos da amada. O primeiro contato do protagonista com as roletas foi marcante e a partir desse momento é possível observar sua decadência ao começar a sucumbir frente ao vício do jogo.

Alexei demonstra um grande “talento” para as apostas, além de ser um homem inteligente, o que chama a atenção de Antonilda Vassilievna, avó do general, detentora da fortuna da família e que havia acabado de chegar a “Roulettenburg” e queria se iniciar no mundo dos cassinos. Alexei a ajuda no início, mas acaba por abandoná-la à própria sorte, após presenciar os atos impulsivos da idosa durante os jogos. Nesse cenário, Antonilda acaba por apostar e perder grande parte da sua fortuna, tal fato modifica grande parte das estruturas sociais do livro, pois todos os outros personagens a rodeavam devido ao seu dinheiro. Algum tempo após esse acontecimento, Alexei parte para o cassino e com a ajuda da sorte consegue em uma única noite ganhar uma pequena fortuna, tornando-o socialmente interessante para o círculo em que antes era apenas um empregado inteligente.

Ocorre que, principalmente após o acontecimento dessa noite de êxtase no cassino, os motivos de jogar, antes vinculados a uma perspectiva de ascensão social e conquista da amada Polina, começam a ser anulados frente à adrenalina e a incerteza das apostas nas roletas. Mesmo com a declaração de seu amor e grande quantidade de dinheiro, Alexei não estava satisfeito, pois tudo que ele queria era entrar novamente no cassino e continuar

jogando. Tal insatisfação é tão forte que o protagonista consegue acabar rapidamente com sua recém adquirida fortuna de forma a poder voltar a frequentar as roletas.

A narrativa de Alexei demonstra bem o efeito do vício na vida de um indivíduo, uma vez que o personagem do início do livro é totalmente diferente daquele que aparece no final, que é completamente dependente do prazer advindo das roletas. Dostoiévski é brilhante em colocar as mudanças de forma sutis e graduais, apresentando situações e experiências que fortaleceriam esse comportamento no personagem. Nesse sentido, primeiramente há de se falar do prazer decorrente do ato de jogar, prazer esse que, analisado em uma perspectiva neurológica, advém do Sistema de Recompensa, uma complexa rede de neurônios ativadas aos fazer atividades agradáveis, cujo principal neurotransmissor é a dopamina. A dopamina proporciona uma sensação de satisfação que age primordialmente nas vias emocionais, que, por sua vez, são bem mais eficientes que as vias racionais. Nesse cenário, o ato de jogar reforça esse sistema de recompensa através de grande produção desse neurotransmissor, aumentando a compulsão pelo jogo (Rolnik; Franco, 2006)

Assim, é importante que as experiências vividas pelo personagem tenham reforçado esse comportamento de apostas, de forma a criar uma vivência estimulante na roleta. Nesse sentido, em uma de suas primeiras experiências, ele afirma que iniciou o jogo timidamente, observando e arriscando muito pouco, porém após algumas horas ele diz:

Creio que a soma que eu tinha em mãos subiu a quatrocentos fredericos em alguns minutos. Nesse momento eu poderia ter saído, mas uma sensação estranha se manifestou em mim: um desejo de provocar o destino, de lhe dar um piparote, deixá-lo de língua de fora. Arrisquei o lance mais alto que era permitido, quatro mil florins e perdi (Dostoiévski, 2021. p. 33)

Alexei continuou apostando mais e mais até acabar a noite com muito menos dinheiro do que começara. Esse relato demonstra que no início da noite ele conseguiu lucrar com as apostas, porém, devido a essa estranha sensação, ele continuou a apostar de forma compulsiva, até não poder mais. Esse comportamento certamente ativou o circuito de recompensas de Alexei, pois ele foge da racionalidade e descreve uma estranha sensação de prazer,

advinda das vias emocionais, frente a possibilidade de modificar o próprio destino. Podemos entender como ele obteve esse comportamento, a partir de alguns conceitos do Behaviorismo de Frederick Skinner.

Uma das formas de determinar a frequência de um comportamento se dá principalmente pelas consequências reforçadoras advindas da sua realização. O behaviorismo acredita que os aspectos observáveis do ambiente vão influenciar no comportamento humano. Nesse sentido, a contingência de reforçamento é essa interação do indivíduo com o ambiente, de forma a gerar uma consequência que aumentará a frequência do mesmo comportamento no futuro, além de diminuir a frequência de outros comportamentos (Moreira; Medeiros, 2019). Porém, segundo Moreira e Medeiros (2019), no caso dos jogos de azar, haverá o esquema de reforçamento intermitente de razão variável, que consiste em apenas algumas respostas serem reforçadas pela consequência almejada, sem possuir um número de respostas fixo para a apresentação do estímulo reforçador. No caso de Alexei as respostas serão as vezes que ele aposta na roleta, enquanto o estímulo reforçador será o dinheiro advindo das apostas, enquanto a característica intermitente é interpretada pelo fato de que ele não ganhará todas as vezes que jogar, mas apenas algumas ocasiões aleatórias, no dito popular, quando tiver sorte.

Ocorre que, ainda segundo os mesmos autores, esse tipo de reforçamento intermitente possui uma taxa altíssima de resposta, ou seja, a frequência de comportamento de jogar sem saber se irá ganhar será maior do que caso o estímulo reforçador, dinheiro, fosse disponibilizado com certeza em cada rodada da roleta. Diante dessa informação, podemos pensar que o Sistema de Recompensa Cerebral será ativado a cada nova aposta que Alexei fizer nos cassinos de “Roulettenburg”, tornando o comportamento de jogar auto reforçador por si só, sem depender da obtenção de lucros para aumentar sua frequência. Isso fica bem claro no trecho:

Queria deixar os espectadores estupefatos ao assumir um risco insensato e (estranha sensação!) lembro-me claramente de que fui subitamente, sem qualquer incitação de amor próprio, possuído por uma sede de risco. Talvez, depois de ter passado por um número tão grande de sensações, a alma não possa deleitar-se, exigindo novas sensações, sempre mais violentas, até o esgotamento total (Dostoiévski, 2021, p.158).

Diante desse cenário, ao final da obra, Alexei apresenta todas as características do jogador patológico, manifestando preocupações exclusivas ao jogo, mesmo diante de perdas financeiras e sociais. Isso fica ainda mais evidente após o último diálogo com Mr. Astley, que lhe oferece a possibilidade de não apenas recomeçar, bancando financeiramente essa oportunidade, e lhe avisa que o amor recíproco de sua amada ainda persistia mesmo diante da situação e da distância.

Após esse diálogo, ocorre um monólogo extremamente profundo que simboliza o processo de morte simbólica que o personagem enfrentou no decorrer da história. Como já mencionado, o Alexei que existia no início da obra já não era o mesmo do final, bem como seu amor por Paulina havia mudado para o segundo plano em detrimento das jogatinas. O comportamento de apostar já o dominava e mesmo ele possuindo consciência desse fato, não conseguia/queria fazer nada a respeito, como bem retratado no trecho:

Amanhã... oh! Se eu pudesse partir amanhã! Renascer, ressuscitar!
É preciso provar a eles... que Paulina sabe que eu ainda posso ser um homem. Bastaria... aliás, agora é muito tarde, mas amanhã...
(Dostoiévski, 2021, p. 198).

Com essa expressão de desejo para si mesmo, ele busca renascer frente a tudo que aconteceu no decorrer da história, porém, Dostoiévski deixa a entender de que o vício mais uma vez foi mais forte, pois ele termina a obra se vangloriando de ter tido a coragem de apostar seu último florin. Ou seja, para todos os fins, Alexei deixa de “existir” para aqueles que conviveram com ele durante as aventuras da obra, visto que escolheu ficar sozinho e se manter nos cassinos, comportamento esse que acabou virando sua maior marca.

O Alienista de Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 1839 na cidade do Rio de Janeiro e faleceu em 1908. O autor possui uma vasta coleção de obras, abrangendo romance, conto, poesia, crônica e teatro, marcados pela presença do Realismo Brasileiro. Considerado um gênio da literatura, Machado de Assis é conhecido pelo humor sagaz, a habilidade com a língua portuguesa e pela análise profunda da sociedade brasileira de sua época, retratado em seus livros.

Além disso, foi o fundador e presidente da Academia Brasileira de Letras, um feito impressionante, considerando que era um homem negro de origem humilde em uma sociedade ainda escravocrata (Machado; Passos; Silva, 2011).

A obra, *O Alienista* foi escrita em 1881, em formato de folhetim, publicado na revista *A estação* e divulgada como livro no ano seguinte, sendo considerado uma de suas maiores obras. *O Alienista* se passa na cidade de Itaguaí, Rio de Janeiro, e gira em torno da vida de Simão Bacamarte, homem da ciência, estudioso e médico, que tem como meta estudar, entender e curar a loucura. Para isso, Simão inicia um projeto para a construção da Casa Verde, um local de recolhimento para pessoas consideradas loucas, em que seria possível alcançar seu objetivo.

Inicialmente, Bacamarte tem o apoio dos vereadores e da população de Itaguaí quando começa a retirar algumas pessoas das ruas, vistas como lunáticas. Mas então, decide internar moradores locais que não elegiam suspeitas acerca de sua sanidade, mas, para Bacamarte, eram caridosas demais, logo não estavam em perfeito equilíbrio. A partir desse momento, se instaura a Era do Terror em Itaguaí. Como justificativa para seus atos, o alienista ressalta sua nova constatação, a insanidade é a ausência do equilíbrio perfeito de todas as faculdades mentais. Dessa forma, qualquer pessoa que demonstrasse inveja, raiva, ambição, paixão ou solidariedade não poderia ser outra coisa senão louca, e deveria ser colocada no sanatório. Os moradores não aceitaram essa teoria, e aos poucos uma revolta começou a se formar. O caos, enfim, chegou a Itaguaí, uma vez que a rebelião se volta para a Câmara da cidade, depondo os ministros e elegendo Porfírio o Protetor da Vila. O líder, consumido pela ambição política, tenta se aliar a Bacamarte, mas este, acusando-o de duplicidade e descaramento, leva-o para a Casa Verde. Com o tempo, o alienista também interna a própria esposa, preenche todos os quartos do hospício e constrói um novo pavilhão, ocupando no local cerca de $\frac{4}{5}$ da população de toda a vila. Certo dia, todos os residentes do manicômio foram soltos, pois o alienista tinha elaborado uma nova teoria: era normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades mentais, enquanto que a patologia derivava dos casos em que o equilíbrio era ininterrupto. A partir desse momento, a Câmara, restaurada, decide intervir nas ações do médico e estipula o prazo de 1 ano para tratamentos. No entanto, o Doutor Bacamarte se encontrava aflito, preocupado

e pensativo, afinal, “estariam eles doidos, e foram curados por mim, ou o que pareceu cura não foi mais que a descoberta do perfeito desequilíbrio do cérebro?” (Assis, 1882). A partir deste pensamento, o alienista concluiu que nunca houve um louco em Itaguaí, o que entrou em dissonância com tudo o que havia estudado, acaso não era ele perfeitamente equilibrado, portanto, louco? Ao fim deste parecer, Simão Bacamarte se recolhe à Casa Verde, onde tenta estudar e curar a si mesmo, até o fim de sua vida.

Primeiramente, ao analisar *O Alienista*, é necessário recordar a luta antimanicomial. Historicamente, o primeiro hospital psiquiátrico brasileiro foi fundado em São Paulo em 1830, 50 anos antes de o conto ser escrito. Mas foi em meados do século XX que essas instituições foram popularizadas e que atingiram o seu auge de internações. Inicialmente o objetivo dos manicômios era, assim como o do Doutor Bacamarte, estudar e curar os doentes mentais. No entanto, com o passar do tempo, os hospitais foram utilizados como ferramenta política e social. Dessa forma, um delator político, uma amante que tivesse engravidado, homossexuais, um rival de posição, pessoas suspeitas de prostituição, mulheres que engravidaram sem o casamento, poderiam ser enviados aos manicômios para serem “curados”. Dessa forma, eram reclusos da sociedade. Tal repressão aumentou durante a Ditadura Militar (1964 - 1985), que utilizava essas instituições como forma de silenciar militantes e inimigos do autoritarismo reinante. Com a superlotação dos hospícios, os pacientes eram expostos a condições desumanas, o que culminou na morte de milhares de pessoas em todo o território brasileiro. Calcula-se que mais de 60 mil pessoas morreram apenas no Hospital Colônia em Barbacena, Minas Gerais (Arbex, 2013).

A partir da década de 1970, houve uma crescente crítica aos hospitais psiquiátricos devido às condições precárias de internação e tratamentos desumanizados. Assim, iniciou o movimento da Reforma Psiquiátrica no Brasil. Dessa forma, podemos pensar que *O Alienista* retrata de uma maneira crítica e irônica os acontecimentos que aconteceriam 80 anos após a sua publicação, realçando a genialidade e sagacidade de Machado de Assis. Afinal, a Casa Verde foi usada como ferramenta de exclusão social de acordo com os objetivos de Simão Bacamarte, seja para provar suas teorias, seja como resposta a uma ofensa pessoal. Quando o caos se instaura em Itaguaí, o líder da rebelião

percebe a utilidade que o Hospital poderia ter para suas ambições políticas, da mesma forma que ocorreu na Ditadura brasileira (Machado, Passos, Silva, 2011).

Ademais, é possível comparar os sintomas citados e classificados durante o conto e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, que armazena e busca identificar as doenças mentais catalogando-as. O DSM, que está em sua quinta edição, visa oferecer suporte ao diagnóstico de males psíquicos e orientar profissionais da área de uma forma prática e eficiente. (Morsch, 2022). Contudo, atualmente, compila mais de 300 doenças mentais. Essa abrangência sugere uma diversidade enorme de comportamentos rotulados como sintomas de desordens psicológicas. Tal abundância de diagnósticos levanta a indagação: será que existe alguém completamente são? Na sociedade contemporânea, é comum a associação de um diagnóstico a cada atitude humana, resultando no risco da patologização da vida cotidiana. O desfecho do livro, onde o alienista conclui que o desequilíbrio mental é, de certa forma, a norma, ressoa de forma notável nos tempos atuais, destacando a atualidade e pertinência da obra, uma vez que problematiza a noção de normalidade e questiona a padronização dos comportamentos sob um rótulo diagnóstico.

A Hora da Estrela de Clarice Lispector

A Hora da Estrela, publicado pela primeira vez em 1977, é o último romance da autora brasileira Clarice Lispector. Pertencente à terceira geração modernista, Clarice publicou diversos livros, dentre eles romances, contos, crônicas e literatura infantil. Formou-se em direito, mas atuou grande parte de sua vida como jornalista, sendo considerada um ícone importante da representatividade feminina. Suas obras são marcadas pelo monólogo interior, apresentando uma estrutura não convencional, com fluxo de consciência, fragmentação do texto, metalinguagem, reflexões existenciais e análises psicológicas, que dão um caráter único e pessoal em sua escrita.

Possivelmente devido à sua estrutura narrativa mais clara e linear, o livro *A Hora da Estrela* emergiu como uma das obras mais conhecidas e de fácil acesso para quem deseja iniciar a leitura de Clarice. No entanto, a obra ainda apresenta todas as características particulares da autora. O caráter

metalinguístico pode ser observado ao longo de toda a leitura, uma vez que o narrador revela ao leitor o processo de criação da personagem principal. Assim, a história, contada pelo narrador fictício - e também personagem - Rodrigo S.M., centraliza-se em torno de Macabéa, uma nordestina analfabeta que migra para o Rio de Janeiro e emprega-se como datilógrafa. É uma jovem de 19 anos, descrita como simples, ingênua, incompetente, virgem e solitária. Alimenta-se de cachorro-quente e pedacinhos de papel para enganar a fome, sendo pouco encorpada e destituída de beleza, e toma café frio antes de dormir. Além disso, possui quase nenhum desejo devido ao seu estado de alienação social e psicológica, e se diverte ouvindo rádio relógio nas horas vagas.

A trama sofre uma reviravolta quando Macabéa visita uma cartomante, com dinheiro emprestado de uma colega. Ao receber boas notícias quanto ao futuro, ela vai embora pronta para seu recomeço e ansiosa pelo que a espera. Porém, neste momento ocorre o ápice da vida da jovem: ao atravessar a rua, é atropelada e morre. Eis um dos pontos mais importantes do livro, a “hora da estrela” de Macabéa, instante em que todos a percebem e ela experimenta a sensação gloriosa de ser uma estrela de cinema. O desfecho da obra apresenta uma ironia marcante, pois é somente no momento da morte que Macabéa alcança a grandiosidade do existir, atingindo uma compreensão mais profunda de si mesma, de sua própria humanidade e singularidade.

A partir dessa perspectiva, é possível fazer uma análise da obra correlacionando-a ao conceito existencialista de "ser-para-a-morte". O “ser-para-a-morte” é uma expressão filosófica associada ao pensamento de Martin Heidegger, que sugere que a consciência da mortalidade é imprescindível para a compreensão da própria existência, influenciando a forma como vivemos e atribuímos significado à vida. Destaca-se a morte como um componente ontológico fundamental, desencadeador de angústia e, ao mesmo tempo, parte integrante da cotidianidade. Na narrativa, a morte é considerada uma espécie de protagonista, pois exerce uma influência direta sobre as interações presentes ao longo da trama, gerando tensões e epifanias (Gonçalves; Scholz, 2019).

Nesse sentido, uma relação entre Macabéa e a ideia de "ser-para-a-morte" pode residir, segundo Gonçalves e Scholz (2019), na exploração de como a consciência da finitude molda a experiência existencial da personagem na narrativa. Inicialmente, ela não parece expressar uma consciência explícita e

filosófica de sua própria morte, estando mais imersa nas questões imediatas de sua vida, como a pobreza, a solidão e a busca por uma identidade, que a tornam permeada pela vulnerabilidade. Todavia, na trama, o ser-para-a-morte se revela especificamente durante a visita de Macabéa à cartomante, sendo este o momento em que ela se confronta com uma perspectiva sobre seu destino e, por extensão, a efemeridade da vida. Logo, o contraste entre a insignificância que ela sentiu ao longo de sua vida e a percepção da mortalidade convergem para um entendimento mais amplo da existência: “enquanto isso, Macabéa no chão parecia se tornar cada vez mais uma Macabéa, como se chegasse a si mesma” (Lispector, 2020, p.74).

Conclusão

Aqui procuramos apresentar algumas das principais reflexões que a leitura literária despertou nos alunos de psicologia do UniAcademia, ao participarem dos encontros literários promovidos pelo *Grupo Leitura, Literatura e Psicologia*. No grupo, muitos alunos revisitaram textos acadêmicos e/ou pesquisaram artigos científicos em Psicologia, instigados por temáticas apresentadas nas obras literárias trabalhadas.

Esperamos que nos próximos anos as atividades do grupo aprimorem-se. Também faz parte de nossas expectativas que os resultados aqui apresentados sirvam de estímulo para a implementação de programas semelhantes em outras instituições de ensino superior, e contribua para a existência de mais debates e pesquisas sobre a formação em Psicologia, bem como sobre a relação entre Literatura e Psicologia e sua contribuição para a formação discente.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, S. F. **História e filosofia da psicologia**: perspectivas contemporâneas. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.

ARAUJO, S. F. **Ecos do passado**: estudos de história e filosofia da psicologia. Juiz de Fora: Ed. UFJF 2013.

ARBEX, D. **Holocausto Brasileiro**: Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil. 1ª ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

- ASSIS, M. **O Alienista**. 27 ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- AUDY, J. Entre a tradição e a renovação: os desafios da universidade empreendedora. *In*: MOROSINI, M. C. (org.). **A Universidade no Brasil: concepções e modelos**. Brasília, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP, 2011.
- BASTOS, A. V. B; GONDIM, S. M. G; SOUZA, J. A. J.; SOUZA, M. P. R. Formação básica e profissional do psicólogo: uma análise do desempenho das IES ENADE-2006. **Avaliação Psicológica**, v.10, n.3, p. 313-347, 2011.
- BOTTONI, A; SARDANO, E. J; COSTA FILHO, G. B. Uma breve história da Universidade no Brasil: de Dom João a Lula e os desafios atuais. *In*: COLOMBO, S. S. (org.). **Gestão Universitária: Os caminhos para a excelência**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- DOSTOIÉVSKI, F. **O Jogador: do diário de um jovem**. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2021.
- FRANKL, V. E. **A psicoterapia na Prática**. Campinas: Papyrus, 1991.
- FRANKL, V. E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2011.
- FREIRE, J. C. Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência. **Arquivos Brasileiros**, v. 60, n.2, p.2-9 2008.
- GONÇALVES, T. S; SCHOLZ, C. C. P. Nas entrelinhas Ada ficção: o ser-para-a-morte em a Hora da Estrela. **Cadernos da FUCAMP**, v. 18, n. 35, 2019.
- LISPECTOR, C. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020
- MACHADO, N. da M.; PASSOS, C. F.; SILVA, V. O Alienista na Luta Antimanicomial. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, v. 2, n. 4-5, p. 1–23, 2011.
- MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios Básicos de Análise do Comportamento**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- MORSCH, J. A. **DSM-5: Tudo sobre o Manual de Diagnósticos em Saúde Mental**. 2022.
- MOURÃO, L; TRAVASSOS; R; ABBAD, G. S; CARVALHO, L. Avaliação dos cursos de graduação em Psicologia na percepção de egressos. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 20, n. 2, p. 43-55, 2019.
- PEREIRA, F. M; PEREIRA NETO, A. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. **Psicologia em Estudo**, v.8, n.2, p.19-27, 2003.

ROLNIK, L. A.; FRANCO, S. A. As profundezas do vício: "Quando eu quiser, eu paro!". Rio de Janeiro. Ciência & Cognição, Rio de Janeiro, vol.9, 2006.

SACRINI, M. **Introdução à análise argumentativa**: teoria e prática. São Paulo: Paulus, 2016.

SGUISSARDI, V. Universidade no Brasil: dos modelos clássicos aos modelos de ocasião? In: MOROSINI, M. C. (org.). **A Universidade no Brasil**: concepções e modelos. Brasília, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP, 2011.

TOLSTÓI, L. **A morte de Ivan Ilitch**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.

TRAVASSOS, R; MOURÃO, L. Lacunas de Competências de Egressos do Curso Psicologia na Visão dos Docentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 2, p. 233-248, 2017.

VILLELA, F. S. L. **Psicologia e literatura**: a experiência literária na formação do psicólogo. 150f. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2015.

YAMAMOTO, O. H; COSTA, A.L.F. **Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil**. Natal: Ed. UFRN, 2010.